

DA ONTOLOGIA À POÉTICA

Mafalda de Faria Blanc

NÃO FICÇÃO • FILOSOFIA

*Ein Zeichen sind wir, deutungslos,
Schmerzlos sind wir und haben fast
Die Sprache in der Fremde verloren.*

Hölderlin, *Mnemosyne*¹

Aos meus Alunos

¹ «Somos um signo, sem sentido, sem dor, e quase perdemos a língua no estrangeiro.»

ÍNDICE

Prefácio	13
Origem dos textos	18

I. ENTRADAS

1. Metafísica	21
1. A intenção metafísica, na génese do filosofar	21
2. Fundações	22
3. Ontoteologia. Génese e declínio de um modelo.	24
4. Todo o fim é recomeço: actualidade da metafísica	26
2. Ontologia	29
1. Apresentação do conceito: perspectiva contemporânea	29
2. Contextualização histórica: do período de formação à maturação e autonomização	31
3. Ser	35
1. O ser na experiência da língua	35
2. A objectivação do ser	36
3. Ser e Tempo	38
4. Tempo e Criação.	42
4. Analogia	47
1. Caracterização geral	47
2. O conceito analógico de ser.	49
3. Perspectivas modernas e contemporâneas	50
5. Tempo e Temporalidade	53
1. Cronos e Aiôn: o problema da mediação	53

2. Tempo e conversão	55
3. O problema do si mesmo	57
4. O tempo como mistério.	58
6. Angústia.	61
7. Poética	67
1. A essência fenomenológica da linguagem	67
2. Natureza da experiência poética	68
3. Interlocução	70

II. INCURSÕES

1. A Ideia de Princípio na Filosofia Antiga	75
2. Revisitando o Argumento Ontológico.	85
1. Argumento ou hermenêutica da fé? Considerações sobre a teologia filosófica de Santo Anselmo	85
2. Que significa pensar?	88
3. Finitude do ser, mistério de Deus.	91
3. Prolegômenos a uma Filosofia da Natureza	95
Preâmbulo	95
1. A falha da modernidade: a mediação simbólica do sentido.	96
2. Para um novo paradigma: a «Divina natureza», perspectivas científicas, filosóficas e teológicas.	105
4. Heidegger e a Questão da Transcendência	115
1. O pensar como experiência existencial de participação	115
2. O problema do <i>a priori</i> e a questão da possibilidade da metafísica	117
3. A descoberta da temporalidade originária no protocristianismo	120
4. O problema da transcendência à luz da Analítica existencial	122
5. A «viragem» (<i>Kehre</i>): o primado da verdade do ser e a via onto-historial.	126

6. O problema da transcendência face ao novo conceito de mundo: a poética do «quadripartido» (<i>Geviert</i>)	129
7. De regresso a Platão: o apofatismo de Heidegger	132
5. Superar a Metafísica. Pensar a Origem	139
6. Dialéctica e Diferença	151
1. O incontornável Hegel.	151
2. Recensão de um «confronto» (<i>Auseinandersetzung</i>)	153
3. O argumento anti-idealista	161
4. O tempo e o Conceito.	166
7. O Diálogo de Heidegger com Hölderlin	173
1. Um encontro predestinado	173
2. Hölderlin e a destinação do homem	175
3. O «esclarecimento» (<i>Erläuterung</i>) como situação: o lugar da poesia de Hölderlin	177
4. O sagrado adveniente	179
5. O regresso à Origem	183
6. A fundação do ser pela linguagem	185
8. A Viragem (<i>Die Kehre</i>)	189
Introdução	189
Tradução	192
9. Duas Abordagens da Linguagem.	201
10. O Caminho de Heidegger para a Linguagem.	211
1. Proveniência é destinação.	211
2. O plano transcendental do sentido: a função constituinte da linguagem.	213
3. Existência e linguagem	217

4. Questionar a lógica em busca da plena essência da linguagem.	222
5. Gramática e etimologia da palavra «ser»	225
6. O diálogo da linguagem através do falar humano.	230
11. Da Hermenêutica à Poética: Paul Ricoeur e Heidegger . . .	233
1. Da fenomenologia à hermenêutica	233
2. A via curta e a via longa para a ontologia	235
3. Força e significação: o problema da inovação semântica e a passagem à poética	238
4. Passagem à ontologia: o problema da referência	242
5. O confronto com Heidegger.	245
12. Poética do Ser: Uma Leitura de Heidegger.	249
1. Sentido da expressão «poética do Ser».	249
2. O carácter poético do pensar	251
3. Sentido grego e moderno de « <i>poiein</i> »	253
4. Natureza do poetizar: o legado do Idealismo e do Romantismo	258
5. O «Evento de apropriação» (<i>Ereignis</i>) e o diálogo entre o pensar e o ser.	265
13. O Ouvinte da Palavra.	269
1. A «fórmula do caminho».	269
2. Falar é escutar.	271
3. A essência fenomenológica da linguagem	273
4. A linguagem fala desdobrando o mundo, encaminhando o homem para a fala	276
5. O solilóquio da linguagem	279
Índice Onomástico.	283

PREFÁCIO

Os textos aqui reunidos, na sua maioria inéditos, pertencem aos últimos anos da minha actividade académica como docente de Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa e cobrem maioritariamente as áreas da ontologia, da metafísica e da hermenêutica, sem excluir a história da filosofia e da cultura. Embora o perímetro de consideração histórico seja alargado, um autor ressalta entre os demais como interlocutor privilegiado – Martin Heidegger. Após uma abordagem, em livro anterior, das principais componentes da sua problemática do ser, pensei que valeria a pena retomar, pela sua centralidade, algumas das temáticas ali abordadas.

Refiram-se, entre outras, a questão da metafísica ou a do pensar da origem, sem esquecer as suas relações com Hölderlin ou Hegel, autores de quem está ao mesmo tempo tão próximo e distante.¹ Um filosofema entre todos, anteriormente apenas a florado, pareceu-nos, no entanto, digno de majoração, a linguagem. Presente desde os alvares da meditação heideggeriana sobre o ser, ele vai ganhando relevância até se tornar, na última obra publicada em vida pelo autor, o rosto do próprio ser e a chave da sua articulação fenomenológica e hermenêutica com o pensar.²

Com efeito, como adianta na célebre «Carta sobre o Humanismo», o pensar está desde o início ligado ao advento do ser, à sua destinação historial, que se revela como palavra e tem como única tarefa trazer à linguagem, sempre de novo, essa vinda que, permanecendo, espera pelo homem.³ Este último é, na sua condição de lançado, a réplica eksistente da verdade do ser, está sob a sua interpelação e é chamado

¹ Cf. de Mafalda de Faria Blanc, *Estudos sobre o Ser*, Lisboa, Guerra e Paz Editores, 2018.

² Cf. Heidegger, *Unterwegs zur Sprache* (A Caminho da Linguagem), GA 12, Frankfurt am Main, V. Klostermann, 1985.

³ Cf. *Ibid.*, «Brief über den Humanismus» (Carta sobre o Humanismo), in *Wegmarken*, GA 9, pp. 313-316.

a corresponder-lhe pelo cuidado, o zelo pela linguagem, para que, à sua luz, o ente se manifeste como o ente que ele é. Vinculados àquela que é a sua situação historial, consumando a manifestação do ser na linguagem, os pensadores dizem «o mesmo» (*das Selbe*), mas nunca «o igual» (*das Gleiche*).

Porém, a metafísica, com a sua interpretação técnica do pensar como predicação, desde cedo se apoderou da interpretação lógica e gramatical da linguagem, inibindo, com isso, outras e mais ricas possibilidades de articulação discursiva da verdade do ser, designadamente a do discurso poético. A ontologia, dela derivada, tornou-se mais tarde uma teoria das categorias e das modalidades do juízo, uma reflexão teórica acerca das estruturas fundamentais do ente, que visa o operar técnico do homem sobre a natureza, a produção de efeitos úteis para ele.

A libertação do pensar para uma dimensão mais originária, reservada como tarefa aos pensadores e poetas do futuro, passa, por isso, pelo aprofundamento da estrutura hermenêutica do discurso, que sustenta a linguagem em totalidade, e onde primeiro se explicita a pré-compreensão ontológica que o homem já sempre tem do sentido da existência, do seu ser-no-mundo.⁴ Nela, o que está em causa já não é a asserção de algo sobre algo – a coisa já aí dada e presente –, mas, sim, a vinda à presença e ausentar-se do ser na manifestação dos entes. A linguagem, neste seu uso hermenêutico e poético, faz então eco da temporalidade do ser, escande o seu ritmo escondido, sem o violentar com a grelha rígida das categorias lógicas, leva a cabo, em suma, a revelação do ser como possibilidade em curso. O que requer do pensador a escuta atenta da fala do ser e a explicitação da mensagem contida na sua manifestação epocal, poema original, a que todo o genuíno pensar deve atender e que precede toda a poesia.

Temporalizando-se, o ser fala, abre o mundo como clareira de sentido, que é também velamento e mistério, um lugar para acolher e abrigar a existência dos mortais. A sua voz silenciosa interpela o homem, requisita-o para a sua adveniência historial, para que ele a articule, traga à palavra o seu anúncio, edifique, a partir dela, o mundo como verdade e lugar do nosso habitar. Dota-o, assim, de uma abertura,

⁴ Cf. *Ibid.*, *Sein und Zeit*, GA 2, § § 32-33, pp. 197-213.

DA ONTOLOGIA À POÉTICA

Mafalda de Faria Blanc

ORIGEM DOS TEXTOS

1. Os textos abrangidos pela rubrica «Entradas» foram inicialmente pensados para um *Dicionário de Espiritualidade e de Mística*, cuja publicação tem sido, entretanto, adiada. Resolvemos incluí-los aqui, pois podem constituir uma boa introdução às temáticas depois desenvolvidas.
2. Dos textos incluídos na rubrica «Incursões», foram objecto de publicação os seguintes:
 - «A Ideia de Princípio na Filosofia Antiga», in *Nos Horizontes da Razão. Homenagem a J. B.-Moura*, Universidade de Lisboa, 2020, pp. 551-556.
 - «Revisitando o Argumento Ontológico», originalmente publicado em *Itinerarium*, ano LXII, n.º 215/216, pp. 513-521, e agora revisto.
 - «Prolegómenos a uma Filosofia da Natureza», in *O que nos faz pensar*, Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, Junho de 2016, pp. 7-23.
 - «Heidegger e a Questão da Transcendência», in *Entremundos. Liber Amicorum para Irene Borges Duarte*, Lisboa, Edições Colibri, 2022, pp. 41-57.

Foram ainda objecto de comunicação oral:

- «Superar a Metafísica. Pensar a Origem», conferência proferida na F.L.U.L., a convite do *Núcleo Académico Páginas Transcendentes*, em Novembro de 2023.
- «Da Hermenêutica à Poética. Paul Ricoeur e Heidegger», comunicação ao *VII Congresso Ibero-Americano sobre o Pensamento de Paul Ricoeur*, realizado na F.L.U.C., de 14 a 16 de Setembro de 2022.
- «O Ouvinte da Palavra», conferência proferida na F.L.U.L., a convite do *Núcleo Académico Clepsidra*, em 9 de Dezembro de 2024.

I.

ENTRADAS

1. METAFÍSICA

1. A intenção metafísica, na gênese do filosofar

Se o termo «metafísica» é recente na história da filosofia – data da escolástica do século XIII, encontrando-se já em Averróis por referência à ciência aristotélica –, a intenção que exprime é bem mais antiga, remonta à gênese do filosofar ou, mais longe ainda, ao próprio mito. Com efeito, em ambos, filosofia e mito, se concreta a função «meta-» do trans-ascender, esse poder pensante de ir além da experiência sensível, de questionar sempre mais em altura, profundidade e largueza – sendo esta uma busca de sentido e fundamentação, que a metafísica iria protagonizar na *magna quaestio* pelo Princípio originário e omniabarcante do todo da realidade. Disso mesmo nos dá conta, no dealbar do filosofar, o fragmento de Anaximandro na distinção que faz entre os seres finitos e o «princípio» (*arquê*) «in-determinado» (*ápeiron*), do qual aqueles procedem, a que permanecem ligados e a que inexoravelmente retornam enquanto seu fundamento reitor.⁵

A filosofia retomava assim, a nível reflexivo e em termos racionais, esse mesmo enigma da gênese que o mito, tal «metafísica primeira», já antes procurara sondar pela narrativa de um evento primordial e, todavia, já fundacional.⁶ E com ele, herda também aquele que seria o esquema circular do pensar metafísico, quiçá constitutivo do imaginário humano, a saber: o postulado da unidade entendida como o

⁵ Cf. G. S. Kirk e J. E. Raven, *The Presocratics Philosophers*, Cambridge, 1983; trad. port., 8.^a ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, p. 117, dá a seguinte tradução do fragmento de Anaximandro reportado por Simplicio in *Phys.*, 24, 13: «Anaximandro [...] disse que o princípio das coisas era o *ápeiron*, de que provêm todos os céus e mundos neles contidos. E a fonte da geração das coisas que existem é aquela em que a destruição também se verifica *segundo a necessidade*; pois pagam castigo e retribuição umas das outras pela sua injustiça, de acordo com o decreto do tempo [...]»

⁶ Cf. G. Gusdorf, *Mythe et métaphysique*, Paris, Flammarion, 1953, p. 245: «Si la mythologie est une *première métaphysique*, la métaphysique doit être comprise comme une *mythologie seconde*.»

princípio do ser e do conhecer, fonte e termo da processão, para onde se encaminha a multiplicidade num movimento conversivo, que não é apenas expressivo da dinâmica dos seres como do próprio absoluto no seu surgir e constituir-se original como *Causa sui*.⁷

2. Fundações

Não foi levemente que Andrónico de Rodes, o compilador e editor das obras de Aristóteles, no século I a. C., designou de «*tá metá tá physica*» os livros «que estão depois da Física», ciência que trata das coisas em movimento, sujeitas à geração e corrupção. É que eles reportam-se à «filosofia primeira» (*protê philosophia*), que é, para o Estagirita, esse saber relativo ao que, «em si» mesmo e por natureza, é primeiro e mais fundamental: os «primeiros princípios e causas», relativos a uma ordem de realidade transcendente à natureza e que, por isso, supõe o conhecimento desta última.⁸ No entanto, o filósofo oscilou na caracterização que fez do objecto da «filosofia primeira», condicionando, com isso, muito da controvérsia ulterior acerca da estrutura da metafísica. Por um lado, ela concerne o «ente enquanto ente» (*ón é ón*), na sua qualidade de ser, isto é, enquanto «substância» (*ousía*), e o que lhe pertence em próprio – as suas determinações ou formalidades enquanto extensivas a todos os seres – e nesse sentido ela corresponde ao que se chamará mais tarde «ontologia»; por outro lado, concebeu-a como o estudo da primeira causa, o «primeiro motor» – substância separada e imóvel, eterna e necessária – correspondendo então à «teologia».⁹ A metafísica seria, neste caso, a ciência do Transcendente, indo ao encontro da acepção platónica de uma ciência do inteligível ou mesmo do princípio anhipotético de toda a realidade.¹⁰

Os Medievais, recolhendo o legado aristotélico, vão procurar harmonizar aquela dualidade da «filosofia primeira» enquanto ciência, por um lado do universal, por outro do particular ou da primeira

⁷ Cf. St. Breton, *Du principe*, Paris, Éditions du Cerf, 1971, pp. 194-202.

⁸ Para a história da formação e caracterização do conceito de metafísica, veja-se de J. B.-Moura, *Metafísica e Ontologia*, Lisboa, Página a Página, 2022, I.ª parte, e, ainda, de P. Oliveira e Silva, J. Rebaldo e A. Poncello (eds.), *A Ciência Metafísica. Itinerários de um Conceito*, Porto, Afrontamento, 2021.

⁹ Aristóteles, *Metaph.* E, I, 1026 a 19.

¹⁰ Cf. Platão, *República* VI.

substância, edificando um conceito transcendental de ser, capaz, pelo seu grau superior de universalidade, trans-categorial, de unificar as diversas acepções de ser. Com efeito, era sua intenção ajustar o universo pagão de Aristóteles, necessitarista, à livre iniciativa da Criação e da Encarnação, própria da Revelação bíblica. E para isso avançaram com um sentido novo de contingência, já não relativo ao que é material e, por isso, está sujeito à mudança, sinal de imperfeição, mas ao que, podendo não ser ou ser de outro modo, a *existir*, terá de implicar a livre iniciativa de uma Causa criadora. Concebem, assim, a *existentia* como o constituinte fundamental da substância, aquele em que se actualiza a virtualidade da essência.

É assim que São Tomás, fiel ao figurino aristotélico mas acrescentando-lhe o «existir», por ele interpretado como *actus essendi*, concebe, num primeiro momento, a filosofia primeira como ontologia, enquanto ela estuda o *ens commune* aos seres causados e finitos, objecto da experiência sensível. Num segundo momento, porém, e como ponto de chegada, ela transforma-se em teologia quando, ao inquirir pelos princípios e causas daqueles, postula como resposta ao processo abstractivo da inteligência um «primeiro Ente» (*primum Ens*), puro «existir» (*Esse*), transcendente em acto à essência dos seres finitos. Já Duns Escoto, na senda platónica de Santo Agostinho e Avicena, dá primado à essência – uma formalidade obtida por abstracção de toda a particularidade e expressiva da possibilidade mais universal e, contudo, real. Reconstrói, assim, a partir da essência todo o edifício da metafísica, no sentido já bem moderno de uma «ciência do transcendental» (*scientia transcendens*), ou seja, de uma metafísica concebida a partir da ontologia e segundo um formato ontoteológico. Significa isto que o «ser quidditativo» (*esse quidditativum*) vai constituir um quadro geral para toda a investigação, permitindo subsumir qualquer teoria particular de objecto, domínio ou região da realidade – mundo, alma ou Deus – a uma lógica geral da predicação. O Divino, em particular, já não representa um ser transcendente à função cognoscitiva para que o pensar aponta no limite da sua possibilidade cogitativa, como sucedia com o Dominicano, mas um caso eminente da predicação – esse em que a essência se apresenta na sua *infinitude* ou grau máximo de determinação intensiva e a partir do qual se deixa pensar a ordem contingente dos seres finitos.